



Zanzalá

Homepage da revista:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/index>



Algoritmo (2020) e Invasão Espacial (2019)

de Thiago Foresti

por Alfredo Suppia¹

Thiago Foresti é talvez um dos jovens cineastas mais promissores no que diz respeito ao cinema brasileiro de ficção científica politicamente engajado. Seu último curta, *Algoritmo* (2020), é uma especulação distópica sobre um futuro próximo no qual o Estado policial restringe direitos, assedia, caça e elimina dissidentes políticos. Jovens que se aventuram no pensamento crítico e libertário, pelo simples fato de lerem obras “subversivas” e participarem de discussões políticas ou interrogativas sobre o sistema, tornam-se assim, alvos preferenciais do Estado policial, empoderado pelo uso de um algoritmo poderoso (talvez não muito distante de nossa realidade) que opera em uma estrutura de vigilância onipresente. A referência a obras como *1984* (1948) de George Orwell, assim como suas adaptações para o cinema e a televisão, parece natural e imediata. Filmes como *Manhã Cinzenta* (1969), de Olney São Paulo, ou *Punishment Park* (1971), de Peter Watkins, também parecem fazer parte desse criadouro cinematográfico de onde surge o *Algoritmo* de Foresti. Como bem lembra Éric Dufour:

A câmara que observa, que filma e que controla as pessoas (a videovigilância) é uma constante do cinema que se interessa pelas sociedades totalitárias ou pela transformação totalitária de uma sociedade (vimos como *Olhos de Lince* fornece uma imagem muito contemporânea da vigilância). Os ecrãs de televisão estão por toda parte, quer em *1984* de Radford quer em *Brazil*, onde o olho da câmara que tudo grava surge de maneira recorrente e obsessiva. Em *1984* vemos esse olho que observa as pessoas até em casa (desaparecimento de qualquer distinção entre o privado e o público) e do qual Winston Smith tenta escapar. Em *THX 1138*, esse olho que nem as personagens nem o espectador veem manifesta-se pela onipresença de uma voz que se dirige aos indivíduos quando estão em casa, para dirigir o seu comportamento como se dirige o trânsito, com lemas que

¹ Professor do Departamento de Cinema (DECINE) do Instituto de Artes (IA) e do Programa de Pós-graduação em Multimeios da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail para contato: asuppia@unicamp.br

regressam um *leitmotiv* musical: “What's wrong?”, quando alguém não faz o que se espera.” (DUFOR, 2012, p. 188)

Curioso notar como Dufour não menciona o longa francês *Desilusões Futuristas (Le Couple Témoin, 1977)*, dirigido por William Klein. Paródia justamente das distopias totalitárias de filmes como *THX 1138*, onde as fronteiras entre público e privado simplesmente desaparecem, *Le Couple Témoin* de certa maneira antecipa o longa estadunidense *O Show de Truman (Truman Show, 1998)*, dirigido por Peter Weir, ao apresentar um jovem casal “modelo” que se voluntaria para viver em uma casa moderníssima, construída como cenário para um longo experimento televisionado, numa iniciativa do “Ministério do Futuro”. De toda maneira, *Algoritmo* vai muito além da câmera como ícone da vigilância totalitária. O curta consegue resumir, com efeito, uma situação de vigilância constante multimodal ou multimidiática, onde todo e qualquer instrumento de comunicação pode ser ressignificado ou reobjetivado com vistas ao controle comportamental ou ideológico. Nisso, inclusive, o filme de Foresti não parece ser radicalmente imaginativo; ele apenas extrapola um pouco, criativamente, as condições atuais de vigilância.

E talvez o motivo mais reiterado ou comum na fábula distópica desse curta-metragem seja o fenômeno das redes sociais, o acúmulo de informações sobre os indivíduos (lembre-se do caso da empresa Cambridge Analytics e as eleições no Brasil e em outros países, entre 2016 e 2018), bem como a escalada de um estado policial-corporativo de vigilância ilimitada, a exemplo do que é denunciado por Shoshana Zuboff, professora da Harvard Business School, no documentário de Jeff Orlowski, *The Social Dilemma* (2020). Zuboff é autora de *The Age of Surveillance Capitalism* (2019) e, no documentário de Orlowski, ela explica que o

“Facebook realizou o que chamou de 'experimento de contágio em grande escala'. Como usamos conselhos subliminares nas páginas do Facebook para fazer com que mais pessoas votem nas eleições de meio de mandato? E eles descobriram que eram capazes de fazer isso. Uma coisa que eles concluíram é o que sabemos agora. Podemos afetar o comportamento e as emoções no mundo real sem nunca despertar a consciência dos usuários. Eles estão absolutamente inconscientes disso”².

Nesse sentido, a distopia vigilante descrita por *Algoritmo* parece fazer eco à ideia de “totalitarização” originária de Jean-Pierre Vernant, e retomada por Éric Dufour (2012) em sua análise do cinema de ficção científica. De acordo com Dufour,

Em suma, a sociedade totalitária que hoje devemos temer (...) talvez não seja a do fascismo, do nazismo, ou das diferentes formas de sociedades comunistas após a Segunda Guerra Mundial, mas a das nossas sociedades democráticas liberais, bastante mais

² À l'original: “Facebook conducted what they called 'massive-scale contagion experiment'. How do we use subliminal cues on the Facebook pages to get more people to vote in the midterm elections. And they discovered that they were able to do that. One thing they concluded is that we know now. We can affect real-world behavior and emotions without ever triggering the user's awareness. They are completely clueless”.

discreta por não se apresentar enquanto tal, e por não ser um facto já comprovado, mas um processo que se põe em marcha – razão pela qual é melhor falar de totalitarização do que de totalitarismo. A totalitarização assenta na instalação de técnicas e dispositivos que podemos aprovar tanto mais quanto parecem, de certa maneira e de certo ponto de vista, favorecer a nossa autonomia e facilitar e melhorar a nossa vida quotidiana. Por outro lado, e sob outro ângulo, essas técnicas instauram um controle do indivíduo que, nesse sentido, já não pode dispor de si, instrumentalizado por um dispositivo em cuja instalação ele próprio participou. (DUFOUR, 2012, p. 187)

Não obstante, *Algoritmo* engendra um desfecho que acena com a resistência, possivelmente inspirado no hackerismo ou hacktivismo contemporâneo de organizações como o Pirate Bay ou jovens como a cazaquistanesa Alexandra Elbakyan, programadora e criadora do site *Sci-Hub*, que combate a voracidade capitalista de gigantes do mercado editorial científico (como Elsevier) por meio de seu trabalho de divulgação ampla e gratuita do conhecimento científico³.

Antes de *Algoritmo*, Foresti já havia dirigido o misto de documentário e ficção científica *Invasão Espacial* (2019), filme que conquistou importantes prêmios no Brasil, como o Prêmio de Melhor Edição da 47ª edição do Festival de Gramado, e teve uma carreira de muito sucesso em festivais nacionais e internacionais. Escrito e dirigido por Thiago Foresti, *Invasão Espacial* surgiu durante a gravação de uma obra institucional encomendada a sua empresa, a Forest Comunicação, especializada em ações socioambientais.⁴ A equipe esteve nos Lençóis Maranhenses e, nos dias de folga, acabou encontrando infortuitamente o “germe” do filme *Invasão Espacial*. Uma mistura de documentário e ficção científica – ou, ao menos, uma mistura de documentário e “para-ficção científica” – *Invasão Espacial* aborda o impacto da existência do Centro de Lançamento de Alcântara em terras quilombolas⁵, no estado do Maranhão. O Centro foi inaugurado em 1983 como base de lançamento de foguetes da Força Aérea Brasileira. O curta-metragem de Foresti faz amplo uso da sintaxe e da iconografia do cinema de ficção científica, a ponto de citar, com fina ironia, o filme americano *O Dia em que a Terra Parou* (*The Day the Earth Stood Still*, 1951), de Robert Wise, para tratar dessa história muito real e contemporânea de “invasão alienígena” no Maranhão. Se por um lado parece muito divertida a forma como Foresti e sua equipe lidaram com a ocupação da região da base de Alcântara – primeiro pelos militares brasileiros e, mais recentemente, pelos militares americanos –, por outro o filme acena a discursos ainda mais sinistros e premonitórios com a submissão amplamente aberta do governo Bolsonaro a Washington e Donald Trump. Um filme de dupla invasão alienígena.

Referências

³ Ver <https://sci-hub.se/>

⁴ Ver <https://www.forestcom.com.br/>

⁵ Os quilombolas são descendentes dos ex-escravos que escaparam das plantações e sobreviveram em liberdade, por sua vez das comunidades autônomas e por muito tempo considerados clandestinos ou ilegais. Desde a nova Constituição de 1988, os quilombolas são reconhecidos como cidadãos brasileiros e suas comunidades devem ser protegidas.

DUFOUR, Éric. *O Cinema de Ficção Científica*. Lisboa: Texto&Grafia, 2012.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: PublicAffairs, 2019.